

A escrita como dispositivo na clínica da adolescência: considerações a partir de um caso clínico^{*}

HELENA DA SILVEIRA RITER**
ANDRESSA CARVALHO PRESTES***
THAÍS DE LIMA MULLER****
TIELI PRISCILA SOLDI*****

RESUMO - A adolescência é um momento em que a representação que sustentava o sujeito já não se encontra suficiente, convocando-o a transformações. Assim, torna-se necessário para o adolescente o trabalho de ressignificação de si, a reconstrução das bordas que permitam o estabelecimento de novas relações consigo e com o mundo. O presente trabalho pretende discutir a temática da escrita enquanto dispositivo clínico, partindo do lugar ocupado pela escrita na história da psicanálise e no processo da adolescência, assim como de questões relacionadas às singularidades da clínica psicanalítica com adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE - Adolescência. Escrita. Psicanálise.

Writing as a device in the adolescence clinic: considerations from a clinical case

ABSTRACT - Adolescence is a moment when the representation that sustained the subject is no longer enough, calling him to transformations. Thus, it becomes necessary for the adolescent the work of re-signification of himself, the reconstruction of the edges that allow the establishment of new relations with himself and with the world. The present work intends to discuss the theme of writing as a clinical device, starting from the place occupied by writing in the history of psychoanalysis and in the process of adolescence, as well as issues related to the singularities of the psychoanalytic clinic with adolescents.

KEYWORDS - Adolescence. Writing. Psychoanalysis.

* Trabalho apresentado na XXXVII Jornada Anual do CEAPIA

** Psicóloga formada pela UFRGS. Aluna do 3º ano do curso de Psicoterapia de Orientação Analítica da Infância e Adolescência do CEAPIA.

*** Psicóloga formada pela UFRGS. Aluna do curso de Especialização em Terapia Sistêmica com indivíduos, casais e família do CEFI.

**** Psicóloga formada pela UFRGS. Aluna do curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do ITIPOA.

***** Psicóloga formada pela UFRGS. Aluna do curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do ITIPOA.

A escrita e a psicanálise

A escrita teve função fundamental no nascimento da psicanálise e segue sendo relevante no que diz respeito aos avanços desse campo. Para Freud, era de grande importância e ele mesmo tornou-se conhecido por suas habilidades para escrever. Inclusive, em 1930, Freud recebeu o Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt, uma das mais importantes premiações culturais da Alemanha, pelo mérito de suas produções. Sua narrativa, que se pautava no relato de casos em que o sujeito era central, inaugurou um novo gênero de escrita: o escrito psicanalítico. Ainda, a estreita relação de Freud com o ato de escrever pode ser claramente evidenciada em algumas de suas obras, como *Notas sobre o bloco mágico*, texto de 1925, em que ele propôs um enlace entre o aparelho psíquico e a escrita, e *Escritores criativos e devaneios*, escrito de 1908, em que o psicanalista relacionou o brincar infantil à escrita poética, entendendo que em ambas as atividades o sujeito cria mundos próprios que lhe agradam. A escrita criativa, portanto, teria origem nas fantasias do escritor. Além disso, em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*, de 1911, Freud faz uma leitura-escuta, a partir dos escritos autobiográficos de Schreber (Cairolí e Gauer, 2009).

Além disso, Freud contava também com um terceiro - Fliess - a quem remeteu seus escritos e pôde fazer da escrita um suporte ao desenvolvimento da psicanálise (Cairolí e Gauer, 2009). Embora o ato de escrever possa ser encarado como uma atividade solitária, Freud escrevia para alguém, escrevia para ser lido. Talvez estejam justamente nisso as grandes contribuições da escrita para a clínica: a suposição de um outro que lê e a possibilidade de construir junto que advém dessa suposição, o ato de escrever potencializando a constituição e a intermediação eu-outro.

Outra importante contribuição de Freud, no que diz respeito à escrita, é a comparação dos sonhos - formações do inconsciente - a hieróglifos - modo de escrita. Assim como os hieróglifos e, portanto, a escrita, as formações do inconsciente são decifráveis, passíveis de leitura, embora isso exija um processo trabalhoso e não se apresente imediatamente de forma clara (Cairolí e Gauer, 2009). Desse modo, pode-se pensar no caráter decifratório da clínica e da leitura e no tanto de inconsciente manifesto nas obras daqueles que se põem a escrever.

Semelhante a Freud, Lacan, nos seus diversos desdobramentos teóricos, defende a possibilidade de decifrar sonhos e sintomas em elementos da linguagem; a partir da sua leitura de *A Interpretação dos Sonhos*, trabalho de Freud de 1900, o autor refletiu sobre a dimensão do sonho como trabalho de escrita, trabalho ordenado segundo as leis da linguagem, em que a letra é aquilo que constitui o conteúdo manifesto do sonho, assim como do inconsciente, veiculando o significado e o sendo da mesma forma, pautando-se em muito no exercício da linguagem em suas teorizações (Lima, 2006). Considerações teóricas que, assim como aquelas de Freud, mostram a importância da linguagem na constituição

do sujeito e permitem a reflexão sobre o quanto a escrita se apresenta como possibilidade de exercício de inscrição, de realização de traços, de marcas, de veiculação de sentidos.

A escrita e a psicanálise se vinculam em muito. Reflexões quanto à sua interlocução podem se evidenciar na importância do ato de escrever para o desenvolvimento prático da clínica analítica, e também no exercício e na escrita em si como ferramentas para se pensar e para desenvolver a psicanálise. Queiroz (2005) elabora a ideia de que a escrita segue sendo uma ferramenta importante dentro da prática clínica em si, no escrever a clínica, no que permite a metaforização da experiência psicanalítica, servindo de base para construtos metapsicológicos e cunhando novos saberes no corpo da psicanálise. É possível transpor tal consideração pensando-se no próprio paciente, entendendo que a escrita pode permitir a metaforização de suas experiências, possibilitando que cunhe saberes sobre si, pautando em seus escritos desdobramentos seus, encontros consigo enquanto autor e leitor das suas obras, assim como encontros das suas enunciações com o olhar dos outros.

A singularidade da clínica com adolescentes e sua relação com a escrita

A chegada dos adolescentes na clínica expõe a fragilidade psíquica desses sujeitos, em função das inúmeras mudanças e exigências que permeiam esse tempo. Na adolescência ocorrem as desidealizações que capacitam o sujeito a renunciar objetos iniciais de amor e assim, encontrar novos modelos de identificação que lhe possibilitem maior autonomia e maturidade (Ayub e Macedo, 2011; Bloss, 1996). Sendo assim, a adolescência pode ser compreendida como um período de muita angústia, de rupturas, de experimentações, de situações de crise e de enfrentamento. Contudo, cabe a observação de que, apesar das dúvidas e das dificuldades, a adolescência não implica, necessariamente, o desenvolvimento de uma psicopatologia (Ayub e Macedo, 2011).

De acordo com Ruffino (1995), apresenta-se para o adolescente uma dupla convocatória, desde o seu corpo e desde o olhar do outro. É um momento no qual o sujeito não pode encontrar lugar nem de gozo e nem de repouso, por isso clama por tradução simbólica. O sujeito adoece por falta de recursos, tanto intrapsíquicos quanto intersubjetivos, diante da impossibilidade de normativizar-se consigo.

O *status* diferenciado da clínica com adolescentes fica expresso na medida em que tal prática nem sempre foi vista como unanimidade em meio à psicanálise. Em entrevista à Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Rassial (1995) indica que, por muito tempo, difundiu-se a ideia de que a adolescência era objeto de estudo do psicodrama e de terapias de orientação psicanalítica, sendo relativamente recente a indicação de análise propriamente dita a esse público (Rassial, 1995).

Parece não ser à toa a “resistência” da psicanálise em atender adolescentes, visto que o manejo dos jovens pacientes traz à tona questões da própria práxis psicanalítica, como evidencia Rassial (1995). Um exemplo disso é a problemática da filiação e da transmissão, tendo em vista que o saber atribuído ao pai da infância está em declínio nessa etapa da vida, assunto que remete à controversa discussão sobre o retorno aos autores clássicos na prática psicanalítica. Além disso, há a semelhança entre o fim da análise e o processo de adolecer, ambos fazendo surgir a dúvida sobre como situar-se no laço social a partir da condição de desamparo. Em outras palavras, para o autor, o término de um processo analítico evoca questões afins às da adolescência (Rassial, 1995).

Considerando, então, as particularidades da clínica com adolescentes, Corso (2001) coloca que essa clínica tem o objetivo de acompanhar o jovem no percurso de olhar para si próprio, para a sua origem, para os desejos dos pais que nele fizeram marcas, para as pendências destes que ele é fadado a carregar. Busca-se ao final desse processo fundamental que o jovem possa assumir um desejo cada vez mais próprio e uma posição, ressaltando o seu ponto de vista. Para a autora, nesse momento da adolescência, é preciso poder olhar a família de fora, em busca de uma forma pessoal de se envolver com o fantasma parental, de se individualizar e de assumir a sua própria condição desejante.

Jover e Nunes (2005) produzem a reflexão do quanto a adolescência – outrora às vezes igualada à infância ou à adultez, outrora descartada pela psicanálise como uma clínica impensável – ocupa hoje um lugar cada vez mais importante para a psicanálise, não só por tensionar características contemporâneas do homem moderno, mas também por desafiar um deslocamento e uma atualização da práxis psicanalítica. Compreendendo a adolescência enquanto operação psíquica, operação intrinsecamente marcada pelos processos civilizatórios, propõe-se a importância de se atentar para o aspecto social que a clínica da adolescência concentra, sendo relevante entender o sintoma social que a adolescência pode deflagrar; a exemplo, a dificuldade percebida na contemporaneidade no que concerne à definição do lugar de adulto, à falta de clareza do que seja assumir a condição de adulto, o que, então se reflete na clínica (Jover e Nunes, 2005).

A especificidade do trabalho com o adolescente contempla uma espécie de parto subjetivo acompanhado pelo esboço de um sintoma e pela construção de um discurso pessoal. O sujeito adolescente identifica a voz do outro, mas agora pode escolher onde se posicionar e optar por concordar ou não (Corso, 2001). Segundo Jerusalinsky (2004), o sujeito adolescente buscará nesse percurso saber o que simbolizam as suas palavras e os seus atos no discurso social. Para Ayub e Macelo (2011), o espaço da análise possibilita desdobramentos saudáveis às vivências adolescentes, visto que se apresenta como um espaço de construção e de atribuição de significado aos padecimentos psíquicos da adolescência.

A singularidade da clínica com adolescentes evidencia-se também no que se espera do analista desses pacientes. Segundo Ayub e Macedo (2011), o analista precisa gostar e ter interesse pelas questões desse período, além de ser ca-

paz de estabelecer flexibilizações e adaptações frente às condições psíquicas da adolescência. Algumas transformações nos recursos técnicos contribuem para as transformações no espaço clínico no que diz respeito à adolescência. Alguns pacientes fazem uso em sessão dos seus computadores e dos seus celulares, outros escrevem o que pensam por meio de músicas, outros se utilizam da escrita para viabilizar o diálogo com o seu analista – como estamos abordando nesse trabalho.

Alguns psicanalistas de adolescentes entrevistados no estudo de Ayub e Macedo (2011) pontuaram suas inquietações diante do risco existente quando esses pacientes trazem, por exemplo, letras de músicas que não são de sua autoria ou artigos de jornal, visto que este discurso apresentado seria o discurso de um outro, pela perspectiva de um outro. Sendo assim, o desafio, na opinião dos psicanalistas entrevistados, é o de resgatar sempre a questão e o lugar central da palavra própria no tratamento.

Em suma, entende-se que demandas complexas constituem a clínica da adolescência. Dessa forma, o modelo de escuta psicanalítico é desafiado constantemente a dar conta da singularidade dos fatores envolvidos no processo de subjetivação adolescente e dos aspectos únicos presentes em suas demandas.

É na adolescência, portanto, que se evidencia o jogo das mudanças representacionais, em que a representação que sustentava o adolescente já não se encontra suficiente, tornando-se necessário o trabalho de resignificação de si, a reconstrução das bordas que permitam o estabelecimento de novas relações (Souza e Teixeira, 2008). Presencia-se um momento de busca de ideais, de referências identificatórias em declínio, impondo-se a tarefa de que o adolescente busque por outros, construindo referências para si (Lima, 2006). Neste contexto, imbrica-se uma reestruturação subjetiva em que o redirecionamento do olhar do Outro parental para o olhar do Outro social traz em si repercussões na constituição psíquica do sujeito.

Ainda que partindo de diferentes pressupostos teóricos, Kancyper (2007) também teoriza a respeito do processo de resignificação possível na adolescência. O autor entende que a adolescência é uma etapa privilegiada, uma vez que dá ao sujeito a possibilidade de viver transformações nunca vividas, no sentido de um reordenamento identificatório, por meio da confrontação geracional.

Assim, a partir desse afastamento das figuras paternas e da busca por uma nova construção identificatória, presente em diferentes teorizações a respeito da adolescência, a escrita pode se apresentar como um dispositivo, como uma estratégia que assegure uma marca de identificação (Rassial, 1997). A escrita, para o sujeito adolescente, se situa em relação a um desamparo corporal, dando um suporte do corpo infantil ao corpo adulto (Costa, 2004). Dessa forma, Rassial (1997) propõe que a adolescência é o momento da escrita e da leitura, em que os processos de escrever e de ler adquirem novos valores, tornando-se importantes experimentações para o adolescente, no que diz respeito aos questionamentos das palavras dos pais e dos adultos, de um modo geral.

Para Ruffino (1995), a adolescência é uma operação psíquica e, como tal, implica em trabalho psíquico como resposta à crise e à falta experienciadas pelo sujeito. Costa (2002) pondera sobre o quanto a passagem da adolescência carrega em si um traço de mutismo na medida em que as modificações acontecidas nesse tempo ainda não dispõem de registro discursivo, como que estando presente uma reentrada na linguagem, na possibilidade de se representar perante o Outro. A autora discute sobre uma fenda que haveria nesta passagem, destacando o quanto os diários adolescentes, dentre outros exemplos por ela trabalhados, podem ser pensados como meios para a reconstrução das bordas que constituem a relação com o Outro, com o ambiente, com a realidade, no que coloca em jogo aspectos do coletivo e do singular, do universalizado e do não universalizado, no que coloca em cena representantes possíveis (Costa, 2002).

Sendo, então, a adolescência uma passagem marcada pelo exercício de resignificações, de busca por novos lugares simbólicos, por representação no mundo, perante seus desejos, perante o Outro, pode-se pensar na escrita enquanto possível ferramenta para movimentar o exercício da (re)construção do discurso de si, exercício implicado nesta operação psíquica que é a adolescência.

O ato de escrever tem muito em comum com escolhas feitas pelo sujeito, diz do exercício singular de ocupar um lugar com a finalidade de se inserir numa relação diferente com o olhar do Outro (Costa, 2004). Sendo assim, a escrita surge como meio possível pelo qual o adolescente pode lidar com as operações psíquicas que este momento de retificação subjetiva impõe, adquire contornos como um recurso capaz de operar ressignificações na posição do sujeito diante dos desejos e impasses que a operação psíquica do adolescer lhe coloca, representa o exercício de marcar na materialidade, servindo de amarração subjetiva (Souza e Teixeira, 2008).

A escrita surge, portanto, como possibilidade de exercício de mudança de endereçamento para este sujeito que se encontra deixando de ocupar a posição infantil e almejando ocupar a posição de adulto, isto é, possibilita que o sujeito se remeta ao Outro social, não mais restrito ao Outro familiar (Souza e Teixeira, 2008). O ato de escrever assim se coloca como lugar de inscrição, de impressão de um lugar.

Lima (2006) colabora no pensar sobre o exercício da escrita na adolescência pontuando que a transicionalidade também se faria como marca no processo adolescente, de modo que, assim como a brincadeira possui um lugar marcado pela transicionalidade para o exercício da constituição na infância, a escrita viria a ocupar um lugar semelhante para o adolescente neste momento de produção de novos referenciais, de novo endereçamento, de transição perante o olhar do Outro, perante a marca social. “Se a criança serve-se de coisas manipuláveis, tais como bichos de pelúcia ou pedaços de tecidos, o adolescente ‘brinca’ com a língua” (Lima, 2006, p.5). Tais considerações se propõem a pensar que a escrita viria a ocupar a função de uma cena em que o adolescente poderia brincar, em que, escrevendo, o adolescente pode jogar com um Outro a meio caminho

entre a presença plena de um leitor e a instância puramente simbólica. A escrita expressaria a ambiguidade adolescente entre singular e coletivo, entre público e privado, entre o corpo próprio e o olhar do Outro.

A adolescência e suas peculiaridades clínicas pressupõem novos e diferentes recursos técnicos para apoiar o trabalho do terapeuta e possibilitar um espaço terapêutico ao adolescente. É desse modo que a escrita se apresenta como um dispositivo, viabilizando um diálogo entre paciente e terapeuta e possibilitando um trabalho analítico. Esse dispositivo mostra-se como uma tentativa de buscar dar conta de questões referentes à própria existência do sujeito adolescente. Ou seja, através da escrita, ele consegue vivenciar uma experiência de construção de si mesmo, ressignificar suas experiências, sair da posição de alienação, situando-se como agente da sua vida (Teixeira, 2003). A partir dessas ideias, apresenta-se a seguir o relato de uma experiência vivenciada pela primeira autora com vistas a promover interlocuções entre a teoria e a prática no que tange à escrita como dispositivo clínico.

O jogo de força que desenforca a palavra

Tereza, na época com 14 anos, iniciava comigo seu segundo tratamento na mesma instituição. A troca de terapeutas ocorreu juntamente com a saída da psicóloga do abrigo em que morava e com a mudança de sua irmã, que entrara com ela na casa-lar e que agora residia com familiares. Essas mudanças se deram de maneira concomitante.

É interessante acrescentar aqui o motivo do encaminhamento da paciente para psicoterapia: sua dificuldade em manifestar suas opiniões e suas vontades, em se manifestar. A irmã, que na época ainda residia no abrigo, falava por ela e mandava nela, decidindo tudo e passando por cima de seus desejos.

Os primeiros encontros com a adolescente foram truncados. Silêncios. Palavras que teimavam em subir pela garganta, mas que eram enforcadas pelos lábios. Se insistissem e conseguissem escapar pelo meio deles, eram as mãos quem as sufocavam.

Meus ouvidos, por mais que se esforçassem, não conseguiam compreender esses arremedos de palavra que tentavam a todo custo encontrar saída, encontrar lugar onde fazer sentido. Era como se essas palavras não pudessem ser ouvidas por nenhuma de nós. As histórias que essas palavras tentavam contar ficavam então incompletas, sem sentido.

No entanto, a marca da escrita fez-se presente como portadora de significados desde o princípio. Na primeira sessão, como que me apresentando uma maneira possível de comunicação, a adolescente trazia um “A” escrito em sua calça e, percebendo que isso havia chamado a minha atenção, pôde demonstrar, ainda sem fala explícita, que essa letra representava o menino de quem ela gostava.

O início foi marcado por silêncios, mas também por uma construção de um novo espaço. Aos poucos, passou a contar sobre seu dia a dia e sobre suas relações com os colegas, principalmente quanto aos meninos e aos casais que se formavam nos grupos de que fazia parte. Aos poucos, também, os jogos que jogava com a terapeuta anterior foram abrindo espaço para outros jogos sugeridos pela paciente. Esses mais nossos, diferentes daqueles que pertenciam ao tratamento anterior.

Ainda assim, Tereza ia me mostrando a cada sessão a sua ambivalência em relação ao espaço da terapia. Ora fazia caretas e queixava-se por estar ali, ora a reclamação vinha pelo fato de estar na hora de encerrar a sessão. Em relação a mim, o mesmo se dava. Em algumas sessões, despedia-se com um abraço, em outras, saía da sala sem falar comigo. À medida que os movimentos de aproximação foram se tornando mais frequentes do que aqueles de afastamento e de resistência, ficava mais evidente a vontade de partilhar histórias comigo. Ela passou a chegar anunciando que teria muito o que contar naquela sessão e a me questionar quanto à minha vontade de saber sobre o que havia se passado entre seu grupo de amigos na última semana. No entanto, a cada sessão também ficava mais evidente que havia temas, como sua sexualidade e seus sentimentos em relação à família biológica, que travavam sua fala.

Assim, por mais vinculadas que estivéssemos, as palavras seguiam enforcadas, engasgadas, abafadas. Embora chegasse à sessão dizendo que tinha algo para contar, ela iniciava a frase e calava. Trocava as palavras por balbucios. Tinha “ataques de riso”, que a faziam tapar a boca com as mãos. Ela, então, derrotada, falava do sofrimento que enfrentaria até a próxima sessão, “segurando” o que tinha para me dizer, sem poder me contar.

E se jogássemos forca? Será que ela conseguiria esconder no jogo, a palavra escondida dentro dela? Será que eu conseguiria decifrá-la? Será que por meio da palavra escrita ela conseguiria expor o indizível? Em determinada sessão, essas questões vieram à minha mente. Costumávamos fazer uso de um quadro negro para outros jogos e, assim que sugeri o jogo da forca, a adolescente ficou muito animada com a ideia. Desde então, o jogo da forca tornou-se parte importante da maioria das sessões.

Por meio dele, ela pôde compartilhar seus apaixonamentos e suas experiências, assim como inserir também a família biológica nas sessões, algo que era extremamente evitado por ela. A partir do jogo da forca, outros registros escritos passaram a compor o tratamento de Tereza. Em uma sessão, ela trouxe uma música escrita por ela para me presentear. Música-autobiografia. Noutra sessão, veio acompanhada de seu diário e partilhou comigo suas escritas sobre mim e sobre as pessoas que fazem parte de sua vida. O jogo da forca, no entanto, manteve-se constante. Em todas as sessões, fazíamos uso dele por pelo menos alguns minutos. Em muitas delas, as palavras adivinhadas por mim e também aquelas que escolhia para que ela adivinhasse pareciam abrir as portas da fala. Tereza abandonava o jogo de forca, então, e podia dividir histórias comigo, usando palavras faladas.

No entanto, devido ao fim do meu estágio, seu tratamento comigo precisava chegar ao fim. Usamos o jogo da forca e as palavras escritas e faladas para poder pensar sobre essa despedida em muitas sessões. No entanto, ao se ressentir com a imposição da separação, ela se fechava. Debruçada sobre a mesa, escondia o rosto entre os braços. Enforcada por angústia, não conseguia nem jogar, nem falar. Ficávamos em silêncio. Aos poucos, no entanto, a adolescente pôde criar uma maneira de comunicação novamente tolerável a ela: pegava uma folha e escrevia. Escrevia sobre o que sentia quanto à minha saída, quanto àquilo que ela entendia que eu não conseguia entender. Entregava a folha a mim e eu então respondia ao que havia lido com palavras faladas. Por algum tempo, ficamos nos comunicando assim. Eu-fala. Ela-escrita. Até que ela pudesse fazer uso da fala novamente. Por fim, uma carta-despedida marcou o nosso último encontro.

O que os escritos têm a dizer?

A partir dessa situação, podem-se resgatar as teorizações da psicanálise a respeito da escrita e da adolescência, a fim de pensar o que essa experiência diz quanto à escrita como dispositivo na clínica da adolescência. A demanda da paciente deixa clara a problemática que está em jogo: a necessidade de o adolescente falar em nome próprio (Gutierra, 2003), através de uma elaboração psíquica que o levará a desocupar o lugar infantil e ir em busca de novos posicionamentos. Nesse sentido, é interessante pensar na escrita e no tratamento enquanto exercícios de afirmação de uma narrativa própria.

Segundo a pesquisa de Ayub e Macedo (2011), o desafio na clínica com adolescentes é o de resgatar a palavra própria no tratamento. Corso (2001), por sua vez, enfatiza a tarefa do psicoterapeuta de acompanhar o processo adolescente de olhar para si e de assumir um desejo cada vez mais próprio. Dessa maneira, pode-se pensar no espaço da psicoterapia como lugar de construção e de atribuição de sentidos às experiências adolescentes. É principalmente nesse ponto que se propõe a interlocução desse processo com o ato de escrever.

A ferramenta do jogo da forca e da escrita em si parece estar a serviço também de uma ressignificação da história (Teixeira, 2003). É através de um jogo, de uma brincadeira, que a paciente consegue um espaço de fala, de transição entre os referenciais infantis para novos referenciais (Lima, 2006), conseguindo experienciar uma construção de si e da sua história, de modo a tornar-se agente de sua própria vida (Teixeira, 2003).

Ainda, Kancyper (2007) também contribui nesse sentido, uma vez que entende a ressignificação adolescente como um processo que compreende novas ferramentas de reflexão a respeito da história passada (sua e da sua família), mas também períodos de turbulência, o que, segundo o autor, permite a construção e a historização daquilo que estava oculto. A ressignificação da história aparece, portanto, como elemento fundamental para a confirmação da identidade.

Mas por que a escrita auxilia nesse processo? Pode-se pensar na escrita, como possibilidade de impressão de um lugar e de remetimento ao Outro social, uma vez que traz consigo a marca na materialidade, possibilitando uma amarração subjetiva (Souza e Teixeira, 2008). Nesse sentido, Rassial (1997) também enfatiza a escrita enquanto estratégia que assegura uma marca de identificação, auxiliando na construção da identidade.

Segundo Ruffino (1995), o adolescente endereça seu apelo a uma instância capaz de redimensionar a questão entre o sujeito e suas interrogações. As transformações são acionadas à medida que o sujeito tem a possibilidade de endereçar-se a algo nomeável no outro, no desdobramento desta via dialógica. É por meio destas transformações discursivas realizadas pelos jovens que, para o autor, a adolescência se resolve, à medida que os enigmas do adolescer passam a habitar a linguagem. Desta forma, a transformação subjetiva do percurso é tanto resposta do outro como aquisição subjetiva.

Além disso, essa experiência permite pensar na escrita como forma privilegiada de acesso às questões da adolescência, na medida em que a paciente trava ao trazê-las oralmente, mas é capaz de pronunciar-se a respeito na forma redigida. Isso remete ao personagem Moritz da peça estudada por Lacan, “O despertar da primavera” (Weddekind, 1889, in Gutierrez, 2003). O jovem pede ao amigo Melchior, também adolescente, que lhe explique através da escrita como se dão as questões relativas ao sexo, explicitando o imenso pavor em lidar com a temática de forma mais direta. A esse respeito, pode-se pensar na eleição do jogo da *força* como uma denúncia do caráter mortífero com que o assunto é tomado nos anos da adolescência - como também ilustra o desfecho suicida de Moritz perante o fracasso em responder aos apelos da sexualidade (Gutierrez, 2003).

Conforme Gutierrez (2003), tamanho pavor referente ao sexo justifica-se uma vez que a puberdade irrompe abruptamente ao jovem, de forma análoga a uma cena traumática que se impõe no real. Portanto, para a autora, o adolescente emudece não porque não queira falar, mas em função da ausência de palavras que lhe possibilitem uma expressão. Dessa forma, algumas manifestações tais como o *funk*, os diários e as gírias têm por objetivo auxiliar nesse processo de suportar a irrupção do real pubertário (Gutierrez, 2003).

Ainda, é interessante pensar no aspecto de transmissão presente na escrita. Se em um tratamento analítico pressupõem-se dois - paciente e terapeuta -, o mesmo se dá na escrita. Há aquele que escreve, mas que também pressupõe alguém que o lerá. Nesse sentido, portanto, pode-se pensar que a paciente se coloca em uma posição de decifrar-se, à medida que escreve sobre si e envereda em seus conflitos adolescentes, mas também de ser decifrada, já que situa sua escrita na relação com a terapeuta, nas trocas entre as duas. A escrita, portanto, aparece também como possibilitadora desse encontro. O espaço da terapia, por sua vez, mostra-se potente no que diz respeito às oportunidades de se experimentar nessa cena transitória (Lima, 2006) entre ler-se e ser lida, entre si mesma e um outro que dela se ocupa. Talvez a escrita, com seu caráter de transiciona-

lidade e de transmissão, possibilite o ensaio de cenas jamais vividas. Terapia e escrita, juntas então, parecem ser fonte de experiência para a narração.

Nardin (2011), pautando-se nas ideias de Jorge Larossa de que as palavras produzem sentidos, criam realidades, podendo funcionar como mecanismo muito potente de subjetivação dos sujeitos, discute que quando se escreve há uma apropriação do desejo de conhecimento de si, constituindo-se nesse espaço um lugar de criação, apropriação de significados e de criatividade. A autora reflete que, ao mesmo tempo em que a escrita pode ser viabilizadora de traços inconscientes, ao escrever, ao transpor e narrar conteúdos que lhe percorrem, o sujeito se depara com uma experiência em que pode refletir com outros olhares sobre as situações, suas ideias e seus pensamentos, sendo possível o acesso não só ao tempo presente, mas também ao passado e ao que se movimenta à frente, podendo a escrita propiciar o encontro de sentidos e de significados. A partir disto, pode-se pensar na palavra, através da escrita, também como dispositivo possível e auxiliar no processo de constituição dos sujeitos.

É nesse sentido que retomamos a importância da escrita como dispositivo clínico frente à adolescência. A situação apresentada permite discutir o espaço clínico enquanto possível devido à entrada da escrita como forma de comunicação entre paciente e terapeuta. Considerando que a escrita é uma forma de manifestação comum no período da adolescência, ela pode ser um dispositivo interessante no processo analítico, contribuindo no processo da adolescência e do se narrar a outro para se conhecer.

Referências

- Ayub, R.C.P., & Macedo, M.M.K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: Especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(3), 582-601.
- Blos, P. (1996). *O segundo processo de individualização da adolescência*. In Transição adolescente. Porto Alegre: Artmed.
- Cairolí, P., & Gauer, G.C. (2009). A adolescência escrita em blogs. *Estudos de Psicologia*, 26(2), 205-213.
- Corso, D. (2001). Anotações sobre a clínica com adolescentes. *Correio da APPOA*, 91, 4-7.
- Costa, A. M. (2002). Apagando marcas: Registro e endereço adolescente. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 23, 09-12.
- Costa, A. M. (2004). A transicionalidade na adolescência. In A. M. Costa; C. Backes; V. Rilho; L. F. L. Oliveira (Orgs.), *Adolescência e experiência de borda* (pp. 165-193). Porto Alegre: UFRGS.
- Gutierra, B. C. C. (2003). Lacan e “O Despertar da Primavera”. In B. C. C. Gutierrez, *Adolescência, psicanálise e educação: O mestre “possível” de adolescentes* (pp. 50-74). São Paulo: Avercamp.
- Jerusalinski, A. N. (2004). Adolescência e contemporaneidade. In Conselho Regional de Psicologia 7ª Região (Org.), *Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade*. Porto Alegre: Libretos.

- Jover, E. R., & Nunes, M. L. T. (2005). Construção histórica da noção de adolescência e sua redefinição na clínica psicanalítica. *Imaginário*, 11(11), 15-33.
- Kancyper, L. M. (2007). Adolescência: O fim da ingenuidade. *Publicação CEAPIA - Revista de Psicoterapia da Infância e da Adolescência*, 16, 52-59.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In: R. Novaes; P. Vannuchi (orgs.), *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 89-114.
- Lima, M. C. P. (2006). Sobre a escrita adolescente. *Estilos da Clínica*, 11(20), 58-71.
- Nardin, D. V. (2011). *A escrita tecendo sentidos: Um instrumento de criação dos sujeitos*. Porto Alegre, RS. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
- Queiroz, E. F. (2005). Inclinar-se para a escuta e inclinar-se para a escrita. *Pulsional - Revista de Psicanálise*, XVIII (184), 60-64.
- Rassial, J. J. (1997). *A passagem adolescente: Da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Rassial, J. J. (1995). Entrevista com Jean-Jacques Rassial. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 11, 86-97.
- Ruffino, R. (1995). Adolescência: Notas em torno de um impasse. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 11, 41-46.
- Souza, C. R. B., & Teixeira, L. C. (2012). Adolescente e corpo: A oficina de escrita como dispositivo terapêutico em instituições de saúde mental. In: Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, V e XI, Fortaleza.
- Teixeira, L. C. (2003). Escrita autobiográfica e construção da subjetividade. *Psicologia USP*, 14, 37-64.